

FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA, NARRADOR DE VIDAS

Fátima Maria de Oliveira
Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do CEFET/RJ
Doutoranda em Estudos de Literatura Brasileira – PUC/ Rio

Jacques Le Goff, historiador e cultor do gênero biográfico, declarou por ocasião da publicação na França da biografia de São Luís que “a biografia histórica deve se fazer, ao menos em certo grau, relato, narração de uma vida, ela se articula em torno de certos acontecimentos individuais e coletivos – uma biografia não *événementielle* não tem sentido (...)”¹. Nessa perspectiva, o resgate de trajetórias individuais normalmente é utilizado para iluminar situações e/ou contextos mais amplos. Torna-se o meio de esclarecer questões mais abrangentes que ultrapassem a história do indivíduo. As biografias escritas por historiadores não se esgotam em si mesmas, mas servem para redimensionar certos problemas de pesquisa não perceptíveis através de enfoques macroscópicos². Nesse sentido, Pierre Bordieu falou acertadamente de “ilusão biográfica”, considerando que era indispensável reconstruir o contexto, a “superfície social” em que age o indivíduo, numa pluralidade de campos, a cada instante³. Produzir uma história de vida sem considerar as discontinuidades do real e do próprio eu é conformar-se com uma “ilusão retórica” que autoriza a experiência comum da vida como unidade, apreensível em um relato totalizante. Narrar a trajetória, o curso de uma vida como uma história é obedecer a uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo até seu término: “o relato, seja ele biográfico ou auto biográfico (...) propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado

¹ LE GOFF, Jacques. Apud SCHMIDT, Benito Bisso. “Construindo biografias ... Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos” In: *Revista Estudos Históricos*. RJ, vol 10, nº 19, 1997, p. 7

² SCHMIDT, Benito Bisso. *Op. Cit.*, p. 15

³ BORDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica” In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). *Usos e abusos da história oral*. RJ: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 190

sempre em sua estrita sucessão cronológica (...) tendem ou pretendem organizar-se em seqüências ordenadas segundo relações inteligíveis”⁴.

Vidas organizadas como histórias é o que nos oferecem as três biografias escritas pelo jornalista e historiador Francisco de Assis Barbosa. Biografias sobre os quais pretendo propor algumas reflexões, no breve espaço desta comunicação, da perspectiva das circunstâncias em que foram escritas, pois como nos alerta Bordieu “o relato de vida varia, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo, segundo a qualidade social do mercado no qual é oferecido – a própria situação da investigação contribui inevitavelmente para determinar o discurso coligido”⁵.

Francisco de Assis Barbosa (1914- 1991) diplomou-se em 1935 na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais da então Universidade do Rio de Janeiro. Ainda estudante fez sua iniciação no jornalismo, como redator de *A Nação* (1934) sob a direção de Azevedo Amaral. Trabalhou, posteriormente, em diversos jornais como *A Noite* (1938- 1945), *Correio da Manhã* (1944), *Última Hora* (1952 – 1954), entre outros.

Fundador da Associação Brasileira de Escritores foi um dos promotores do I Congresso Brasileiro de Escritores, reunido em São Paulo, em 1945. Foi consultor literário, assessor editorial e documentarista. No serviço público, exerceu ainda os cargos de técnico de educação e redator de anais e documentos parlamentares da Câmara dos Deputados.

Reconhecido pelos seus pares como um intelectual de perfil autodidata é aceito de fato e de direito como *historiador*, exercendo essa atividade sob o signo do *empirismo positivista*. A historiografia brasileira manteve-se até o final dos anos 50 dentro de uma tradição factual e

⁴ BORDIEU, Pierre. *Op. Cit.*, p. 184

⁵ *Id, ib*, p. 189

descritiva por excelência. A *Nouvelle Histoire*, em moldes *annalistas*, crítica e inovadora em relação às fontes só se propagaria no meios acadêmicos nos anos 1960 e 70.⁶

As biografias escritas por assis Barbosa, entre os anos 40 e 60, reconstroem a trajetória de vida de três brasileiros notáveis: um inventor, um escritor e um político que chegou à presidência da República. São elas: *Santos Dumont, inventor*: biografia para jovens, escrita em 1940, mas apenas publicada em 1973; *A vida de Lima Barreto*, publicada em 1952 ;e , *Juscelino Kubitschek* : uma revisão na política brasileira, cuja 1ª e única edição é de 1960.

A escolha dos biografados deve-se certamente à procura de uma linha de reflexão sobre o papel dos intelectuais nos diversos setores da produção científica, literária e política do Brasil nas décadas de 40 e 50. Durante o período de vigência do Estado Novo o país torna-se ideologicamente nacionalista e no tocante à política cultural oficial, propagavam-se a brasilidade e uma identidade nacional autêntica e autônoma. Os anos 50 caracterizaram-se pelo reforço de tendências ideológicas nacionalistas que vinham se plasmando em ressonância a processos políticos e sociais marcados por uma política de cunho desenvolvimentista:

“Não será exagero afirmar que, nesse momento, encontram-se alguns divisores de águas, com os traços significativos das principais tendências do pensamento histórico, político e cultural do Brasil. Cada tendência corresponde a uma vertente importante da maneira pela qual os historiadores se debruçam sobre a realidade do país. O planejamento desenvolvimentista, típico do período juscelinista, estará representado na obra de Celso Furtado; a concepção culturalista, no livro de Sérgio Buarque de Hollanda [*Visão do Paraíso*, 1959]; o nacionalismo estará expresso na produção do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) (...)”⁷

Na “Apresentação” da biografia de Juscelino Kubitschek, Francisco de Assis Barbosa assume a validade de seu estudo biográfico para demonstrar que o plano de governo de

⁶ FALCON, Francisco J. C. “A identidade do Historiador” In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 9, nº 17, 1996, p. 10

⁷ MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira* (1933 – 1974). SP: Ática, 1977, pp 36-37

proporções gigantescas do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira ,de promover nos cinco anos do seu mandato cinquenta anos de progresso, não foi concebido às cegas, constituindo na verdade “um imperativo de sobrevivência para o Brasil”⁸.

O plano inicial de Assis Barbosa para a biografia do presidente Juscelino compreendia dois volumes: o primeiro abordaria a chegada de João Alemão, o bisavô tcheco de Juscelino, ao Brasil, até a revolução de 1932, quando o então jovem capitão-médico participa como cirurgião de campanha , atendendo os feridos na zona do túnel da serra da Mantiqueira; o segundo volume se estenderia até a posse de JK na presidência da República em 1956. No entanto, esse volume não foi publicado, e não me foi possível averiguar se chegou a ser escrito.

O primeiro volume, publicado em 1960, se divide em duas partes: *raízes e formação*.. Em ambas, delineiam-se as condições favoráveis para o surgimento de um futuro estadista. O ambiente familiar não era abastado, mas apesar de órfão de pai, o menino Juscelino pode contar com a presença da mãe que com seu salário de professora sustentava a casa. Os traços do caráter do jovem estudante de Medicina em que se combinavam , segundo o biógrafo, inteligência, extremo senso de responsabilidade e fascínio pessoal, concorreriam para o surgimento do futuro líder político cujas principais qualidades foram resumidas pelo escritor francês André Malraux em três palavras: *audácia, energia, confiança* . Palavras escolhidas como epígrafe da biografia do presidente que transferiu a Capital Federal para Brasília, ampliou o parque siderúrgico nacional, lutou contra o subdesenvolvimento e deu a sua política um sentido supra-nacional, com a Operação Pan-Americana (1958).

Em *Santos Dumont, inventor* livro dedicado a todos os jovens do país com o desejo, expresso na “Nota à 1ª edição” de 1973, de que eles se interessem pelas aventuras do inventor,

⁸ BARBOSA, Francisco de Assis. *Juscelino Kubitschek*: uma revisão na política nacional. RJ: Livraria José Olympio Editora, 1960, p. 14

pelos seus balões e seus aeroplanos e que fiquem conhecendo a vida e os feitos do pioneiro da aeronáutica em todo o mundo ⁹. Francisco de Assis Barbosa, que ao longo da narrativa evidencia a tenacidade e o espírito investigativo do ilustre inventor, conclui o perfil de seu biografado nos seguintes termos: “Santos Dumont foi o homem dos impossíveis. Não conhecia a palavra ‘medo’. Era estudioso e jamais deixou em meio uma coisa que estivesse fazendo. Assim aconteceu com os aviões. Santos Dumont sabia o que queria”¹⁰. Portanto, os leitores se encontram diante de mais um brasileiro marcado pelas insígnias da energia, da audácia e da confiança.

A biografia de Lima Barreto surge como resultado da missão recebida por Assis Barbosa, quando trabalhava como consultor literário da Livraria Editora Zélio Valverde. O editor incumbiu-o de publicar as obras completas do escritor carioca Lima Barreto, morto em 1922. Para tal, Assis Barbosa dirige-se para a casa dos irmãos do escritor, no subúrbio de Inhaúma, e deles recebe os manuscritos inéditos e outros papéis pessoais de Lima Barreto. De posse dos papéis particulares do autor dispôs-se a ordená-los, após decifrar o conteúdo que se escondia em tão ilegível letra. Decidiu, então, escrever a vida de Lima Barreto, dando-lhe um ordenamento que beira o ficcional. Ao mesmo tempo, cuidava de preparar a edição completa das obras do escritor que não chegou a ser editada por Zélio Valverde, mas sim pela Editora Brasiliense, em 1956. Assis Barbosa é responsável, inclusive, pela construção do *Diário Íntimo* de Lima Barreto, que segundo ele é “documento de profundo interesse humano, repassado por vezes de lances dramáticos, de consulta indispensável para o conhecimento do homem e do escritor, que formavam em Lima Barreto uma unidade perfeita e indivisível.”¹¹.

⁹ BARBOSA, Francisco de Assis. *Santos Dumont, inventor*. RJ: José Olympio Editora, 1988, 3ª ed., p. 3

¹⁰ *Id, ib*, p. 108

¹¹ BARBOSA, Francisco de Assis (org.). “Nota Prévia” In: *Diário Íntimo*. SP: Brasiliense, 1961, p. 19

É interessante notar que é no ano de 1945 que se realiza em São Paulo o I Congresso Brasileiro de Escritores do qual Assis Barbosa participa na condição de 1º secretário. Do Congresso resultou uma lista de sugestões consensuais a todos os escritores filiados à Associação Brasileira de Escritores, onde se lê, no item 3:

“que, dentro do mais alto espírito de unidade nacional, reconheçam e defendam, como a mais favorável à vida intelectual em todas as suas manifestações, uma vida social democrática de tal modo organizada que permita e favoreça as diferenças individuais, de acordo com as aptidões de cada um, e uma multiplicidade de expressões culturais diversas”¹²

A defesa do favorecimento das diferenças individuais e de uma vida social democrática constituiu um verdadeiro credo político e literário para o escritor Lima Barreto, o que me leva a crer que a escolha de Assis Barbosa pelo relato da vida de Lima teve por objetivo destacar o caráter exemplar da militância intelectual do criador de Policarpo Quaresma, pautada por um senso ético irrepreensível.

As três biografias mostram um biógrafo enredado na “ilusão biográfica” apontada por Bordieu. Biógrafo sempre em busca de fontes documentais que servissem de ponte entre o texto histórico e o seu referente na ordem da realidade histórica..

Biógrafo e historiador metódico, Assis Barbosa confirma a sua crença na “ilusão retórica” própria dos seus relatos de vidas ao dizer no Prefácio da 1ª edição de *A vida de Lima Barreto* que apenas dispôs em ordem cronológica as confissões do biografado, recolhidas em seus textos publicados ou em seus manuscritos, respeitando sempre que possível “as palavras mesmas do escritor.”¹³. O mérito do biógrafo funda-se na ilusão de que seu trabalho resume-se a armar o jogo de puzzle que resultou na biografia. No entanto, armar esse jogo não se tornou tarefa nada fácil, pois, conforme registra no Prefácio, levou “cinco anos [de 1946 a 1951] para escrever o que

¹² MOTA, Carlos Guilherme. *Op. Cit.* p. 145

¹³ BARBOSA. Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. RJ: Livraria José Olympio Editora, 1975, p. xii

poderia ter sido escrito em seis meses – sem falar, é claro, no tempo consumido em pesquisas e depoimentos. Ao terminá-lo, agora, sinto que o livro está incompleto. Dá-me a sensação de reportagem inacabada. “¹⁴.

A sensação confessada pelo biógrafo é resultado do inevitável inacabamento da vida de qualquer indivíduo que não se conforma a modelos que associam uma “cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incerteza.”¹⁵. Concluindo com Deleuze, diria que “escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida.”¹⁶

¹⁴ *Id, ib*, p. xiii

¹⁵ LEVI, Giovanni. “Usos da biografia” IN: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Opus cit*, p. 169

¹⁶ DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. SP: Ed. 34, 1997, p. 9